

VIRTUDES E LIMITES DO PÓS-COLONIALISMO NA ARTE CONTEMPORÂNEA

Na sequência de uma conversa com o Alexandre Pomar, surgiu a possibilidade da Direcção-Geral das Artes do Ministério da Cultura se associar à Arte Lisboa através da promoção de um debate no quadro do ciclo de debates para 2008.

Agradeço ao José António Fernandes Dias ter aceite moderar este debate, e a presença da Jane Fischer, do Alexandre Pomar, do Jorge Dias, do Francisco Vidal. Agradeço o apoio da Alexandra Pinho, da Sandra Vieira Jurgens e da Antónia Gaeta para a concretização deste encontro.

Esta participação, corresponde a uma vontade expressa à direcção da Feira, na pessoa da Ivânia Gallo, e junto da Direcção da AIP, de um maior envolvimento do Ministério da Cultura, que, para além do seu contributo através da participação na Comissão Consultiva da Feira, passa por este debate e passará, se tudo correr bem, por uma colaboração mais alargada na edição de 2009, já comunicada pelo Ministro da Cultura, na visita que ontem efectuou à Arte Lisboa.

Com a alteração das normas de apoio às Artes que promovemos recentemente, pela primeira vez, as organizações na área das artes visuais podem concorrer a apoios financeiros do Ministério da Cultura para períodos de quatro, dois e um ano no âmbito dos nossos concursos.

Ao mesmo tempo, estamos a preparar um contributo para a presença de criadores, programadores, curadores, críticos estrangeiros em Portugal em residências de curta e media duração, na procura de sedimento para as

relação dos mesmos com os agentes culturais portugueses ou residentes em Portugal. O espaço para o efeito já está determinado.

Ainda este ano, abrirá um programa para estágios no estrangeiro de jovens profissionais portugueses em todo o mundo, nomeadamente, nos países de expressão portuguesa. Serão estágios remunerados, de três a nove meses.

Falo-vos destes aspectos para enquadrar a nossa presença na Feira e neste debate – ela decorre de uma estratégia que visa uma maior proximidade dos agentes e uma efectiva interacção com os mesmos.

A oportunidade de juntar os presentes nesta mesa para falar deste tema foi para nós uma tentação irresistível. Num momento em que se pensa a criação de um dispositivo em Lisboa para a presença da arte contemporânea africana, debater esta matéria é necessário.

Não sou especialista neste tema. E as palavras seguintes são as de um leigo entre especialistas. Algumas generalidades que não são uma comunicação política mas apontamentos de uma reflexão pessoal.

O pós-colonialismo é uma fuga histórica. Como acontece com todo o passar do Tempo. Vai-nos fugindo o Presente para o Passado, vai chegando o Futuro. A ordem, naturalmente, é arbitrária. Por vezes, é o Passado que se convoca como Presente, o Presente representa o Passado e o Futuro é uma porta fechada. Outras, o Futuro ocorre no Presente e o Presente é como se não existisse. Verdadeiramente, não sabemos bem o que fazer do Tempo, como lidar com essa dimensão infinita que nos aterra todos os dias pela manhã dentro dos olhos.

O pós-colonialismo é também uma noção temporal, não sendo só uma noção temporal. Mas toma como motivo a sucessiva independência das colónias ocidentais. A Colonização é ela própria um conceito múltiplo, que desde a sua dimensão biológica à sua composição cultural encontra interpretações históricas e científicas muito diversas. Habitualmente, falamos do pós-colonialismo como momento pós-eurocêntrico, no século XX, sendo que a História tem muitos momentos pós-coloniais. Os grandes impérios asiáticos, europeus, americanos, africanos, em diversos momentos históricos, colonizaram e tiveram o seu ocaso, o seu depois. Um depois que é, naturalmente e também, um conceito. Todavia, não será possível uma conceptualização de pensamento único sobre um momento colonial e o que é o momento pós-colonial. Do que são os valores coloniais, do que é o mundo dos valores pós-coloniais. E nem cem anos bastam para lavar comportamentos, representações comunitárias, inter e intra-comunitárias. Cinquenta anos ainda menos.

Fala-se de uma arte ou de arte pós-colonial como um despertar, ou um novo ciclo.

E ocorre logo o papel de artistas, organizações culturais, dispositivos culturais, papéis culturais de diferentes regiões do mundo.

A *supremacia ocidental*, permitam-me o termo, é substituída pela arqueologia do Presente; o Presente é substituído por um Passado re-interpretado e por isso re-compositor do Contemporâneo; o Futuro é projectado como um Devir não apocalíptico mas plural.

Porque trata-se, acima de tudo, da reivindicação da pluralidade. Ora não sendo a reivindicação da pluralidade uma coisa nova, trata-se da reivindicação do estatuto dos protagonistas em presença num universo plural. Não sendo isso também novo, trata-se da *invenção do sistema da pluralidade, da densificação da pluralidade*.

Temos pano para mangas. É que esta invenção de sistemas é a afirmação de que tudo é artificial no humano. Desde o primeiro fogo. Todos os fogos que acendemos e apagamos, como gesto de vontade, como gesto de transformação, mesmo quando a transformação é um acto de renúncia, de desistência.

A artificialidade. O artifício. A arte. Nada do que é humano é um acidente da natureza. A natureza compõem-nos. Mas o nascimento dá-nos a ferramenta do relativismo. Os nossos braços irão mais ou menos longe. Não é isso, necessariamente, o mais importante.

Mas acredito que devemos procurar pontes entre esses braços. As artes contemporâneas correm numa pista estreita, às vezes com precipícios de ambos os lados, outras, tão ligadas a tudo o resto que é tentador saltar para outro corredor. Procura-se uma afirmação entre um objecto de Mercado, uma afirmação da referida *supremacia ocidental* como sistema de distribuição e representação artística (o que é a suma ironia pós-colonial!), uma capacitação para a complexidade discursiva baseada numa realidade multi-centrada, um mero entretenimento da burguesia, ou um desafio transformador de forte impacto no quotidiano das sociedades, das pessoas. Uma pista estreita entre um debate estéril e auto-alimentado de elites e a capacidade de disseminação. Uma pista estreita entre um papel decorativo do exercício da democracia e a adesão à coluna vertebral

de pensamentos sobre novos desenhos sociais. Um caminho estreito entre espaço legitimador das ditaduras e a catarse das classes trabalhadoras. Uma rua estreita entre liberdade e incondicionamento criativo e valor de coesão.

A estreiteza confunde-se com uma linha. As linhas fazem fronteiras. As fronteiras definem territórios. O território é ponto de pertença, de partida, de chegada, de viagem. A estreiteza é, pois, o caminho.

Jorge Barreto Xavier

22.10.08